

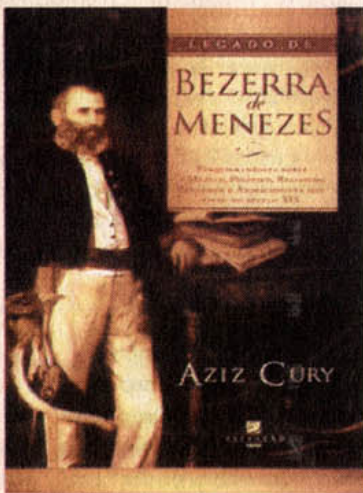
LANÇAMENTOS

POR MICHELLE ROSSI

Médico dos pobres

"Legado de Bezerra de Menezes", Aziz Cury.
Editora Elevação.

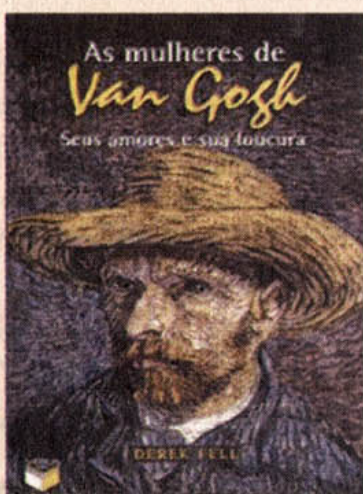
No decorrer das páginas do livro, os leitores poderão ver fotos de lugares que o médico frequentou no século 19, além de entrevistas exclusivas com o escritor Ramiro Gama, a médium Yvonne do Amaral Pereira e João Carlos Moreira Guimarães. Este último, aliás, foi curado de paralisia infantil, aos 5 anos de idade, em 1896, pelas mãos de Bezerra de Menezes. Apaixonado pela vida daquele que ficou conhecido como "Médico dos pobres", o autor traz uma pesquisa inédita, com riqueza de detalhes e informações de longos anos de estudo a campo sobre a trajetória do homem que, até hoje, é unanimidade e uma das mais autênticas demonstrações de sacerdócio na medicina brasileira e figura brilhante na política do Rio de Janeiro.



Pesquisa

"As mulheres de Van Gogh", Derek Fell.
Verus Editora.

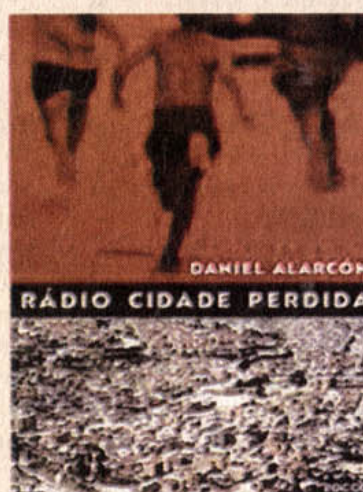
Conta a história de um dos maiores gênios da pintura de todos os tempos sob o prisma das mulheres que passaram pela vida do pintor. Brigas com a família, paixões arrebatadoras, decepções amorosas, relações com prostitutas, rupturas polêmicas com pintores amigos, automutilação, suicídio - houve de tudo na surpreendente vida de Vincent Van Gogh. Valendo-se das cartas enviadas por Vincent (maneira como prefere se referir ao pintor) ao irmão Theo, à cunhada Jo e também à mãe e à irmã Wil, Fell faz resgate da vida do artista.



Guerra civil

"Rádio cidade perdida", Daniel Alarcón.
Editora Rocco.

Em seu romance de estréia, Daniel Alarcón, considerado pela revista Granta um dos 20 jovens escritores mais promissores dos EUA, aborda temas fortes, como amor e perda, numa cidade sul-americana devastada pela guerra civil. De origem peruana, o autor conta a história de Norma, uma radialista que apresenta, toda semana, os nomes dos desaparecidos no conflito, e que tem sua vida mudada de maneira radical, quando um garoto de uma pequena aldeia nas montanhas surge com uma pista sobre seu marido, desaparecido há anos. Tensão e ternura numa narrativa densa, sem perder o lirismo.



Roteiro

"101 viagens românticas",
Editora Ediouro.

Que tal nós dois numa banheira de espuma? O verso dessa famosa música, imortalizada por Rita Lee, provavelmente não se referia a uma banheira dentro de um quarto com cama king-size, televisor de plasma e com visão panorâmica para um dos mais belos cartões-postais do mundo. Mas será que precisa tudo isso para ser feliz ao lado do seu amor? Certamente não. Criado pela equipe da revista Viagem e Turismo e do Guia Quatro Rodas, indica lugares perfeitos para uma viagem romântica atendendo a todos os bolsos e preferências. As opções vão desde um luxuoso resort nas montanhas a uma aconchegante pousada numa praia de areias brancas e águas translúcidas.



"SOBRE O ISLÃ"

Jornalista lança estudo sobre questões políticas e religiosas do islamismo, cristianismo e judaísmo

Reflexão polêmica

DA REDAÇÃO

No futuro, os livros de História poderão vir a tratar o 11 de setembro de 2001 como uma daquelas datas-marco da trajetória humana, como o 14 de julho de 1789, quando a Queda da Bastilha em Paris determinou o início de uma nova era. Ainda é cedo para dizer se isso ocorrerá ou não. No entanto, o dia em que um grupo de terroristas árabes muçulmano jogou três aviões contra dois dos maiores símbolos da pujança do país mais poderosos do planeta - as Torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, e o Pentágono, em Washington - certamente já pode ser identificado como a data em que História redescobriu o Islã.

Percebida como fonte do ódio destruidor dos 19 terroristas responsáveis pelo maior atentado de todos os tempos, a religião nascida no séculos VII na Península Arábica por meio do profeta Maomé tem sido alvo de mal-entendidos e ataques resultantes do desconhecimento de seus princípios ou de interpretações apressadas. É no intuito de esclarecer um público ainda pouco informado sobre o tema que o jornalista e sociólogo Ali Kamel entra em cena com o instigante "Sobre o Islã: a afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo". (Editora Nova Fronteira, 320 páginas).

Estudioso de longa data do tema, Kamel faz um interessante cruzamento dos ensinamentos das três principais



religiões monoteístas do planeta — o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo — para demonstrar que a percepção geral da fé muçulmana como fonte de violência e terror é, para dizer o mínimo, errônea. Brasileiro, filho de um sírio muçulmano e uma baiana católica (filha, ela própria, de um muçulmano e de uma católica), e casado com uma judia, ele está inusitadamente bem situado para fazer uma avaliação sem os preconceitos nem as paixões que comen-

te turvam a visão de muitos que se debruçam sobre temas religiosos. Didática e jornalisticamente, Kamel leva o leitor a conhecer os princípios do islamismo, situando-o num contexto histórico-cultural preciso, e fazendo uma leitura comparativa não de suas diferenças com relação às outras fés monoteístas, mas de suas semelhanças: "Esse caldeirão cultural do qual sou fruto me ajudou a ver onde as religiões se tocam e onde se afastam", diz.

Talvez esteja aí o grande mérito do livro: sem apontar dedos acusadores, Kamel mostra a ocorrência de mensagens de violência não somente no islamismo, mas também no judaísmo e no cristianismo, que nem por isso devem ser consideradas religiões que pregam o ódio. O autor mostra que o legado maior dessas três fés fundamentais para a História humana é justamente sua exortação à paz e vai, com objetividade jornalística, ao cerne de cada questão abordada no livro: a saga de Deus nos livros sagrados das três religiões citadas; a divisão do Islã entre sunitas e xiitas; as diferenças culturais mais marcantes entre o Islã e Ocidente; a diferença entre fundamentalismo e terror islâmico como este deturpa os textos sagrados para se justificar; e a guerra do Iraque.

Escrito de forma a prender a atenção, até mesmo do leitor não particularmente interessado em temas políticos ou religiosos, Sobre o Islã é uma lição de como fazer uma boa análise de um assunto que ocupa parte significativa do noticiário atual. Kamel certamente conseguirá atingir os objetivos expressos logo no início da obra junto àqueles que dedicarem algumas horas à leitura de seu livro: "Estarei satisfeito se conseguir (...) ressaltar que as três religiões monoteístas têm mais pontos em comum do que antes o leitor ainda imaginava", e "dar ao leitor ainda mais certeza de que nenhuma delas é base para o horror do terrorismo".

As recordações de um ex-oficial nazista

UBIRATAN BRASIL, AE

Um brinde marcou a comemoração da vitória da editora Objetiva - depois de um acirrado leilão com outras quatro grandes brasileiras, a casa editorial de Roberto Feith conseguiu os direitos de publicação de "As Benevolentes", romance do norte-americano Jonathan Littell que ainda naquela época, fim do ano passado, sacudia a crítica da França, onde fora originalmente editado. Motivo: o pesado volume (são mais de 900 páginas), que chega agora às livrarias sob o selo da Alfaguara, é narrado por um ex-oficial nazista que relata, sem remorsos, sua participação nas atrocidades cometidas na 2ª Guerra Mundial. Com isso, alimentou uma furiosa discussão sobre a literatura produzida do ponto de vista do algoz.

A escrita do início do século 21 parece tratar dos carcassos de anos passados, antes unicamente criminosos, com um olhar mais benevolente. Afinal, na Espanha, romances trazem franquistas como personagem central, enquanto Hitler inspira uma vasta literatura e cinematografia que destacam seus aspectos frágeis. E biografias já valorizam a "humanidade" de Stalin.

O tema é contraditório e também divide opiniões entre os intelectuais consultados pela reportagem. "Décadas atrás, André Gide disse que não se faz boa literatura com bons sentimentos", comenta Silvano Santiago. "Nas artes, a utopia do bem tem de trazer em si os seus sabotadores e a justiça, os seus transgressores." Ele lembra que, ao biografar Jean Genet, Jean-Paul Sartre qualificou-o de "santo e mártir".

Isabel Lustosa concorda que arte e literatura são soberanas; portanto, explorar o ponto de vista do algoz, do ditador e do terrorista é um recurso estético como outro qualquer. "A realidade e a história estão em muitos outros elementos que ultrapassam as modestas dimensões de um livro", afirma. "Os crimes de Hitler, Stalin e Franco estão suficientemente documentados e deixaram tantas marcas até hoje visíveis que mesmo que se escrevam obras identificando elementos de humanidade em suas personalidades, tais traços não reduzem a dimensão desumana de seus atos contra a Humanidade. Talvez mais os acentuem".

Para Cristóvão Tezza, há dois aspectos a observar, a do narrador e a da persona-

gem. Para ele, o romance é a linguagem que permite colocar o mundo sob o ponto de vista de um personagem, considerando todas as variáveis morais de seus atos, vistos "de dentro", por assim dizer. "Nesse sentido, não há nenhum problema em transformar 'monstros morais' em personagens romanescos, porque todo personagem de romance (desde que bom) é uma voz 'não autoritária', um 'outro' com que defrontamos, podendo ou não concordar com ele. Lemos Lolita, de Nabokov, sem por isso endossarmos a validade moral do personagem central, que casa com a mãe para ficar com a filha; pelo contrário, somos obrigados a 'responder' à sua voz, a contestá-la, a pesá-la, a considerá-la, a negá-la".

O outro aspecto é mais sutil: o narrador, a linguagem "organizadora" do livro que, de certa forma respeitando a autonomia do personagem, mantém um "eixo de valor" que serve de referência ao leitor. "É esse 'eixo de valor' narrativo que faz com que o Humbert Humbert, de "Lolita", resulte em personagem substancialmente negativo para o leitor, embora seja o próprio Humbert que fale o tempo todo. Assim, o que de-

termina a qualidade do livro é esse 'eixo de valor narrativo', mais do que a qualidade moral do personagem, tomado em si mesmo".

Para Marçal Aquino, não existem temas ou abordagens impróprios à literatura. "O que vai importar, como sempre acontece, são os resultados artísticos alcançados, mais do que quaisquer polêmicas que certas escolhas possam provocar", sustenta. "Até porque enxergar tudo a partir da polarização Bem-Mal pode ser de um maniqueísmo atroz, e tudo pode ser tolerado em arte, até a inocência, mas não o maniqueísmo".

Ele gosta de se lembrar de um poema de Leonard Cohen, que fala da autopsia de Adolph Eichmann, e, diante das características normais de olhos, cabelos, altura, peso, termina por perguntar: "O que você esperava? Garras? Dentes descomunais? Saliva verde? Loucura?"

Pelo mesmo caminho segue Alberto Mussa, para quem a resistência a obras como "As Benevolentes" significa ter uma visão utilitária da literatura, pressupondo que ela deva ter uma função educativa. "É um equívoco - ainda que se baseie nela, a literatura não tem nada a ver com a vida".